

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO IV, Nº200 DZEMBRO - PORTO VELHO, 2005
Volume XIV Setembro/Outubro

ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
FABÍOLA LINS CALDAS - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 150 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

200



AS INFLUÊNCIAS DO PRAGMATISMO NO PROGRAMA DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS

Dalva Ap. Garcia



AS INFLUÊNCIAS DO PRAGMATISMO NO PROGRAMA DE FILOSOFIA PARA CRIANÇAS

Dalva Ap. Garcia

Percorrer as raízes de uma proposta educacional não é tarefa simples, pois implica em uma investigação sobre as influências culturais e filosóficas que marcaram uma obra ou o conjunto de obras que a sustentam. Tratando-se de uma obra aberta que traz em seu seio a marca do diálogo, da investigação e de conceitos que ganham significado no interior do próprio processo educacional, como no caso do Programa de Filosofia para Crianças de Matthew Lipman, poderíamos afirmar ser este um desafio. Desafio necessário para os que pretendem entender os contornos do Programa de Filosofia para Crianças e buscar algumas de suas raízes a fim de compreendê-lo e traçar algumas linhas que possibilitem pensar o conceito de filosofia que o sustenta .

O objetivo deste texto é, ainda que de forma sucinta, expor as influências do pragmatismo no trabalho de Matthew Lipman. É preciso deixar claro que Lipman não recorre apenas ao pragmatismo para construir o alicerce de sua proposta filosófico-educacional. O próprio tratamento e significado que o autor dá a filosofia enquanto elemento importante na formação humana nos conduz ao ideal grego ou mesmo ao ideário iluminista de uma razão autônoma e crítica. Todavia, cabe-nos por hora fazer um recorte. A escolha deste recorte está fundamentada no próprio contexto filosófico e cultural que fez nascer o Programa de Filosofia para Crianças. Com isso não queremos negar ou minimizar as demais influências teóricas de Lipman, mas tão somente fornecer alguns elementos que nos permitam entender as relações entre filosofia, experiência e busca de significados.

A concepção de filosofia implícita no FpC tem sua origem e filiação teórica passíveis de serem encontradas nos próprios textos de Lipman. A influência de autores como Peirce, Dewey e Mead nos coloca um problema: como traçar as linhas principais de uma concepção filosófica que surge do entrecruzamento de diversos problemas colocados na filosofia contemporânea?

Detemo-nos, então, as principais características do pragmatismo e de suas relações com a "filosofia da educação lipmaniana".

Assim como Peirce, Dewey e Mead, Lipman concebe o pensamento envolto e imerso na ação humana. Não se trata aqui de conceber o pensar como elemento pronto presente na natureza do homem, nem tampouco de submeter o pensar aos elementos que nos fornecem a experiência prática, considerando o homem uma tábula rasa onde se acumulam impressões e experiências. Para combater os antigos dualismos entre racionalismo e empirismo, entre teoria e prática, tais autores consideram que a atividade do pensar não pode ser compreendida como separada da realidade, mas que o pensar se organiza e se desenvolve na realidade. Isso quer dizer que o pensar não está subordinado a ação, mas que faz parte do mundo em que agimos.

Embora distintos, o pensar e o agir estão mutuamente relacionados nas suas próprias definições, o que em outras palavras significa dizer que o pensamento permite reorientar ou refazer a prática, quando ela se apresenta confusa ou desorganizada, devolvendo o significado da realidade ao sujeito, assim como, o retorno à ação permite-nos melhorar ou reconstruir o pensamento, bem como mostrar seu valor ético, político ou social.

Desta forma, é fácil entender porque em Lipman a experiência filosófica com crianças transforma-se na valorização prática e vital do pensamento. A consequência desta valorização do pensar vinculado ao agir é que não seria possível dentro desta concepção de filosofia entender a razão ou própria filosofia como portadora de uma finalidade em si mesma. A filosofia teria um valor instrumental, pois ação e pensamento se originariam da necessidade, dos problemas e das dificuldades da experiência significativa da vida e só ganharia sentido se retornasse a essa experiência.

Contra a tradição metafísica que considera o pensar como instância reguladora do agir e não necessariamente vinculado intrinsecamente à ação, para o pragmatismo o pensar não é algo externo à ação humana, portanto deve referir-se necessariamente às consequências práticas e, conseqüentemente, na reorientação do agir.

Lipman deve parte da formulação do conceito de "Comunidade de Investigação" a Charles S. Pierce.

Preocupado com a sedimentação do hábito e da crença no pensamento humano, Pierce entende ser necessário colocar em questão a forma e conteúdo das crenças a fim de distinguir uma crença verdadeira de uma falsa. Para o autor a crença constitui uma disposição inevitável do pensamento. Seria, portanto, necessário recorrer à dúvida para evitar o pensamento infundado. Mas, por outro lado, é preciso admitir que a dúvida constitui um estado do pensamento que impossibilita a produção de consequências práticas, uma vez que a dúvida está assentada na incerteza e na indecisão. Ora, enquanto a crença representa um estado de satisfação e, conseqüentemente, de regra de ação que dirige a conduta humana, o objetivo da dúvida não poderia estar centrado no próprio ato de duvidar mas, pelo contrário, na investigação para poder se chegar à crença. Em outras palavras, a crença que não conduzir à ação e não satisfazer nossos desejos deve ser substituída pela dúvida.

Mas é preciso cuidado para não entender a dúvida em Pierce como método para se alcançar idéias claras e distintas através do "diletantismo da razão", como o faz Descartes. Para Pierce, o pensamento quando não orientado para a ação perde-se em elocubrações abstratas que não representam nenhum benefício para a humanidade, pois o autor entende que tanto a realidade quanto o conhecimento que possamos obter acerca da mesma estão em contínua evolução e desenvolvimento. Isso significa admitir que o ser humano é, por definição, falível e limitado, refém do caráter provisório e frágil de sua experiência, o que poderia desencadear, à primeira vista, um certo ceticismo quanto à possibilidade do conhecimento.

Todavia, para Pierce, para a superação desse estado e das "falsas crenças" é necessário um estado de vigilância crítica da comunidade de investigadores em relação a si mesmos. O autocontrole e a autocorreção seriam, portanto, elementos primordiais para evitar a estagnação do processo investigativo do pensamento. A finalidade do raciocínio é empreender descobertas através da investigação daquilo que sabemos para aquilo que ainda não sabemos. Assim sendo, o

critério de validação do pensamento não pode ser apenas intelectual, mas também objeto de experimentação e verificação uma vez que o pensamento não pode ser entendido como anterior ou exterior à ação e, portanto, é também preciso admitir que a atividade do pensar não pode se dar antes e nem fora da linguagem. Para Pierce o pensamento está vinculado ao signo enquanto atividade social capaz, tanto de comunicar e representar o mundo, como também de alterá-lo e recriá-lo.

Embora não tenhamos a intenção de nos aprofundar sobre a teoria da significação de Pierce é preciso admitir a importância da mesma no conjunto de sua obra, pois se o significado não pode se constituir sem o pensar no interior da experiência, é necessário a referência prática dos conteúdos da experiência, ou seja, é preciso admitir a capacidade da experiência em combater a obscuridade de nossas idéias. Contra o racionalismo cartesiano, o pragmatismo de Pierce propõe não a destruição total da crença, mas seu estabelecimento, pois é na fixação da crença que o pensamento encontra sua razão de ser. Torna-se, portanto, necessário interpretar e compreender os conteúdos do nosso pensamento em relação aquilo que estamos habilitados a fazer. Neste caso a lógica é entendida como aplicação dos princípios racionais deliberados em nosso fazer.

Lipman deve a Pierce sua concepção de processo de investigação do pensamento e as relações entre o pensamento e ação: o agir encontra seu sentido a partir da atividade do pensamento. Tanto para Pierce como para Lipman a "comunidade de investigação" pretende estabelecer critérios de validação desenvolvidos no interior da experiência inter-subjetiva da investigação e orientados por princípios e procedimentos sujeitos à recriação permanente. Todavia, a comunidade de pesquisadores de Pierce é de natureza científica uma vez que o pragmatismo de Pierce pretende, de certa forma, rerepresentar o mundo da experiência à reflexão filosófica.

Se é possível buscar em Pierce alguns dos fundamentos do Programa de Filosofia para Crianças de Lipman, poderíamos afirmar que a concepção e a natureza do PFC encontram nas teses de Dewey uma vasta possibilidade de fundamentação teórica.

Para Dewey o ser humano traz consigo a necessidade e a capacidade de aprender, o que significa entender que a prática educativa é processo contínuo de recriação da experiência humana vivida que, por sua vez, enquanto reconstrução necessita de continuidade. A próprio princípio de continuidade da vida humana revela uma relação intrínseca entre o individual, o social e o educacional.

Considerando a vida como mudança, processo de transformação permanente, Dewey entende a sociedade como uma organização democrática de relações que tem na educação o caminho para realização de um projeto político-social inscrito no próprio processo de evolução da vida humana, pois "conceber democraticamente a sociedade não significa dizer que a democracia estaria assegurada por alguma forma de governo", mas significa entender a democracia, assim como a vida, um contínuo processo de mudança.

Em Dewey educar é ensinar a pensar e, por sua vez, ensinar a pensar é ensinar a investigar. Aprender a pensar implica no domínio do procedimento lógico do pensamento e um método de investigação e resolução de problemas de forma cooperativa. Sendo assim, educar o pensamento para a reflexão implica garantir a liberdade de expressão, a diferença de idéias, aceitar o perspectivismo - atitudes somente compatíveis com a democracia.

Pretendendo superar os dualismos herdados da tradição filosófica, Dewey tem no conceito de experiência o princípio e o fim da filosofia, o que significa dizer que os fins da ação humana não estão desvinculados da experiência, assim como há uma íntima relação entre o pensar e o fazer, o conhecimento e ação. Desta forma, o conhecimento não pode ser entendido como resultado da transmissão de conceitos ou informações, mas da participação reconstrutiva do pensamento sobre os dados da experiência. A tarefa da educação seria, não somente, a de aperfeiçoar o humano, mas de recriar permanentemente os meios de sua educação a fim de tornar o indivíduo autônomo, capaz de aprender por si mesmo ou de aprender a aprender. Neste contexto, o pensamento produtivo seria aquele que, ao ser capaz de recriar-se, recria as condições de racionalidade da vida em sociedade. O pensar para Dewey é uma potencialidade humana que pode ser desenvolvida quando encorajada pelo próprio ambiente educacional. O ato de pensar implica na capacidade de resolver problemas, transformar uma situação de indefinição, confusa, conflitiva, desordenada em uma situação de equilíbrio, ou seja, ser capaz de estabelecer relações entre o que fazemos e suas consequências.

Para Lipman, possibilitar às crianças o acesso à filosofia é uma tentativa de reconstrução da democracia, pois ensinar as crianças a pensar filosoficamente é um caminho necessário para a formação da cidadania pautada no ideal da razoabilidade. O modelo democrático de Dewey é fonte de inspiração na elaboração da metodologia do Programa de Filosofia para Crianças. Na participação coletiva e questionadora que os sujeitos envolvidos em uma investigação filosófica coordenam seus esforços de compreensão racional e da ação moral; o diálogo torna-se força motriz do pensamento investigativo e instância deliberativa.

Por outro lado, é preciso considerar que, diferentemente de Dewey preocupado em resgatar a importância da investigação científica na ação pedagógica, Lipman faz da própria filosofia o modelo e a fonte privilegiada da ação pedagógica. Se não podemos afirmar que Lipman acaba por superar um certo "cientificismo" presente no pragmatismo clássico, podemos afirmar que coube ao criador do PFC buscar devolver à filosofia o papel que lhe foi usurpado pelo desenvolvimento das ciências e da racionalidade técnica na tarefa educativa.

SUGESTÃO DE LEITURA

UM OLHAR PARA O LETRAMENTO

NAIR GURGEL
TANIA PARMIGIANI (orgs)
EDUFRO

RESUMO: Realizamos durante séculos a pedagogia do silêncio. O conhecimento como verdade absoluta. A prescrição à norma. O silêncio da ausência da vida na escola não é um silêncio da ausência absoluta de palavras, mas o silêncio da ordem da reprodução: um dado discurso imposto é dito, quando, na verdade, o sujeito deveria dizer a sua palavra.

SUMÁRIO: Do científico ao pedagógico; O professor de língua portuguesa e suas relações com a leitura; Filosofia para crianças; O professor de 3 e 4 séries do ensino fundamental como mediador entre o aluno e a leitura; manejo de quadrados na adição e na subtração de números naturais; Educação física e sala de aula; Fundamentos sócio e psicolingüísticos que norteiam o processo de aprendizagem da lecto-escrita; A biologização/naturalização de problemas sociais e a queixa escolar; O Proler integrado à pesquisa na Amazônia; Avaliação do perfil psicomotor de escolares de 7 a 10 anos.

Áreas de interesse: Filosofia, Letras, Semiótica.

Palavras-chave: semiótica, análise do discurso, ensino fundamental